

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O REFORÇAMENTO E ALARGAMENTO DA UNIDADE ANTI-SALAZARISTA INTENSIFICARÁ A DESAGREGAÇÃO DO REGIME E APRESSARÁ O SEU FIM

O discurso de Salazar, quando da abertura do IV Congresso da «União Nacional», revela bem claramente a falta de perspectivas políticas com que se debate o seu governo e reflecte a crise de desagregação que começa a abalar o regime salazarista. Um número cada vez maior de portugueses começa a compreender que Salazar conduz Portugal, quer no plano interno quer no plano externo, para uma situação crítica e sem perspectivas. Por isso mesmo Salazar é obrigado a reconhecer publicamente que «a época de transformação que o mundo atravessa é, não particularmente para nós mas para todos, cheia de problemas e de riscos. ISSO CAUSA — diz ele — APREENSÕES E OBRIGA A CIDADÃOS, VIGILÂNCIA E ESFORÇOS ESPECIAIS. MAS NÃO TEM FATALISMO DE CONDUZIR AO PESSIMISMO.»

Essas «aprensões e cuidados» (que dominam a reacção nacional e internacional) levaram Salazar a fugir «como o diabo da cruz» a abordar os grandes e urgentes problemas da política nacional e a ficar sómente nas considerações genéricas sobre a situação política internacional. Para evitar que a sua gente caia no «ludismo» e «pessimismo» e perca a confiança na sabedoria política do seu guia, Salazar procura incutir-lhes a ideia de que há ainda saída no beco sem saída para onde ele conduziu a política interna e externa portuguesa.

O próximo número do «Avante!» analisará mais detalhadamente a crise que o regime salazarista atravessa e o significado do IV Congresso da «União Nacional» e do último discurso do Salazar. Desde já queremos salientar que as teses do IV Congresso da U. N. PROCLAMAM A ALTERAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO PARA TORNAR UMA MANOBRAS REACCIÓNARIAS, que tem em vista limitar o mais possível a vontade popular de se exprimir nas futuras eleições. O objectivo desta nova manobra é bem evidente: abafar ainda mais a voz do povo.

Unidade de todos os anti-salazaristas!

Por tudo isto, hoje mais do que nunca se impõe unificar para a acção todas as pessoas que estão descontentes com a governação de Salazar, no sentido de encontrarem o mais rapidamente possível

uma solução democrática e pacífica para o problema político português. Como se salienta no recente manifesto do C. C. do Partido Comunista Português de 24 de Maio, o Partido Comunista pensa que «A formação em Portugal de um amplo movimento de unidade anti-salazarista que, pela largueza do seu próprio programa, possa atrair à acção política as largas massas, mesmo aqueles sectores que até agora apoiaram ou não hostilizaram o governo de Salazar, criará as condições para a solução pacífica do problema político português.»

É naturalmente a classe operária, como classe que mais tem sofrido e que mais tem lutado contra o regime salazarista, aquela onde a unidade das suas forças é mais decisiva. As numerosas lutas económicas e políticas travadas pela classe operária portuguesa através de todo o país representam um decisivo passo para a sua unificação política numa base anti-salazarista. Será na medida em que todos os operários comunistas, católicos, socialistas, anarquistas e sem-partido se unificarem nas empresas, nas oficinas, nos Sindicatos Nacionais, nas ruas e nos bairros, no sentido de formarem uma ampla frente de luta em defesa dos seus interesses comuns e contra o regime salazarista que, como complemento à sua unificação nas lutas reivindicativas, surgirá a sua unidade política numa base anti-salazarista.

Da mesma forma que a classe operária, são os operários agrícolas e todos os camponeses vítimas do regime que Salazar impôs ao país. Por isso, importa igualmente que em todas as herdades, aldeias, Casas do Povo e colectividades se unam todos os camponeses numa poderosa frente de unidade, em defesa dos seus interesses de

classe e integrados na vasta frente anti-salazarista.

Para impor aos governantes salazaristas uma saída democrática e legal, não basta, porém, a unidade da classe operária e dos camponeses, embora estas classes sejam as mais numerosas e combativas do País, aquelas que mais provas deram de disposição de luta. É preciso que todas as outras camadas da população portuguesa se unam também e, em primeiro lugar, os partidos democráticos que as representam politicamente. Só a falta de unidade das forças democráticas e patrióticas do País permite a existência do regime salazarista.

É tendo em conta esta realidade nacional que o Partido Comunista apela mais uma vez para a unificação de todos os partidos democráticos, convidando os seus dirigentes a par de lado tudo aquilo que nos possa separar neste momento e a procurarem só aquilo que nos pode unir no sentido de encontrarmos uma solução democrática e pacífica para o problema político nacional.

Os próximos actos eleitorais proporcionam às forças da oposição uma possibilidade de luta legal contra o regime salazarista que estas têm de saber aproveitar. Como se salienta no manifesto do C. C. do P. C. P. de Maio, o Partido Comunista, «tendo em conta as alterações sofridas na política nacional e internacional», «defende a participação da oposição anti-salazarista nas próximas eleições para deputados, em 1957, e para a Presidência da República e para as Juntas de Freguesia, em 1958». «A unificação de todas as forças da oposição numa ampla frente eleitoral representará um passo impor-

(continuação na 2.ª pág.)

IMPORTANTE VITÓRIA

DOS OPERÁRIOS DA C. U. F. NO BARREIRO!

Os operários da C. U. F. no BARREIRO acabam de obter os primeiros êxitos nas suas reivindicações por aumento de salários e promoção de categorias. Quando o administrador Jorge de Melo entrou na secção de fundição, os operários abandonaram o trabalho, juntaram-se à volta dele e reclamaram um aumento de salários para fazer face ao custo da vida e a revisão de categorias.

Nas secções de caldearia e de reparações, os operários largaram também o trabalho e apresentaram as mesmas reivindicações. Ao todo, paralizaram o trabalho cerca de 600 operários.

Em resultado desta acção houve, dias depois, um aumento geral de salários de 15% e foram anunciados exames para a promoção de categorias. Os operários aceitaram os 15%, mas não se consideram satisfeitos, pois este aumento não é suficiente para fazer face ao elevado custo da vida. Por isso, há disposição para a continuação da luta por aumento de salários.

No entanto, este primeiro resultado é a primeira vitória e foi devido à unidade e à acção dos operários das secções de metalurgia. Fica mais uma vez provado de que só através da unidade e da acção os trabalhadores conseguem melhorar as suas condições de vida. Este é o caminho que deve ser seguido por todos os trabalhadores!

LIBERDADE

PARA

ÁLVARO CUNHAL!

Em 24 de Janeiro devia Álvaro Cunhal, esse grande patriota e partidário da Paz, ser posto em liberdade. Mas continua preso e sujeito a «medidas de segurança».

No próximo dia 1 de Julho faz 89 anos que foi abolida a prisão perpétua em Portugal, mas o salazarismo decretando as «medidas de segurança» voltou a implantá-la. A sombra de seus celerados medidos está no cadeia Álvaro Cunhal e muitos outros presos anti-salazaristas.

Contra esta situação têm protestado milhares de portugueses e portuguesas enviando cartas, postais e telegramas às autoridades, exigindo a libertação de Álvaro Cunhal.

Álvaro Cunhal e todos os presos que já terminaram a pena precisam da ajuda dos portugueses e portuguesas de boa vontade. Unidos podemos forçar o governo a abrir as portas aos presos que terminaram as penas. Unidos podemos forçar o governo a abolir as «medidas de segurança».

Que Álvaro Cunhal e todos os presos que terminaram as penas sejam postos em liberdade! AMNISTIA! AMNISTIA!

O COLONIALISMO TEM OS DIAS CONTADOS

No discurso perante o IV Congresso da União Nacional, em 30 de Maio, Salazar dedicou grande espaço aos problemas coloniais e declarou que o continente africano é um «complemento natural da Europa, necessitando à sua vida, à sua defesa, à sua subsistência». Há muito que os salazaristas e os imperialistas americanos mostram esta preocupação

pelas colónias e particularmente pela África. Pretendem, ao mesmo tempo que intensificam a exploração das suas riquezas, integrá-la nos seus planos de guerra e reprimir o desejo latente de libertação destes povos que dia a dia despertem para a luta. Salazar classifica caluniosamente este anseio dos povos oprimidos e explorados como um movimento racista contra o branco «generoso portador» da civilização. Para os povos das colónias portuguesas, esta «civilização» significa salários de \$50 e 2\$50, o trabalho forçado, a segregação racial nos transportes, cinemas e lugares públicos, as fomes e as epidemias devastadoras, a ausência de qualquer direito social ou político, isto é, significa a escravatura em pleno século XX. É este descontentamento que este situação provoca e pelos perigos que ele representa para as suas posições, que os COLONIALISTAS portugueses e estrangeiros organizam aquilo a que chamam «defesa» da África.

Os planos de guerra estendem-se à África

Os salazaristas colaboram activamente com os americanos nos seus planos bélicos sobre a África. Já em 1950 se realizou a Conferência de Nairobi sobre a coordenação dos transportes com fins militares. Em consequência dos planos traçados, construíram-se numerosas estradas e caminhos de ferro que ligam os territórios do interior com os portos do litoral. Em Angola e Moçambique quase todo o plano de «fomento» está preenchido com estas obras.

Ultimamente, têm-se intensificado os preparativos de guerra. Em Agosto de 1955, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica teve em Lisboa conversações sobre

as «relações de amizade» na África (O Congo belga confina com Angola). Em Setembro realizaram-se manobras navais luso-belgas na África ocidental; em Outubro efectuou-se uma conferência militar anglo-luso-franco-belga em Leopoldville; em Novembro veio a Lisboa Lord Malvern, ministro das Rodésias e Niassalândia para conversações sobre a defesa da África e o ministro da Defesa da África do Sul conferenciou com os ministros dos Neg. Estrang. e da Defesa salazaristas sobre a «defesa da África austral», e a criação de uma organização militar na África do Sul do Saará. Em Dezembro, o ministro dos Transportes da África do Sul, em visita a Moçambique, salienta a necessidade da «defesa comum da África» e da «mais completa cooperação». Ao mesmo tempo, Paulo Cunha, na Conferência da NATO, exorta esta organização a intensificar a sua acção em África. Em Março, uma missão militar portuguesa vai à África do Sul para estudar a «defesa» aérea de Angola e Moçambique. Para facilitar estes intensos preparativos de guerra são nomeados para embaixador na África do Sul Abranches Pinto, antigo adido militar nos Estados Unidos e ex-ministro do Exército, e para governador de Angola o ex-subsecretário do Exército, Sá Viana Rebelo, a quem Santos Costa disse a 10 de Janeiro: «Graças à excelente compreensão e boa vontade da primeira autoridade de Angola, os serviços militares naquela província ultramarina atingiram rapidamente uma altura que a todos as outras sobreleza». Sá V. Ex.º tio bem como eu impoem as exigências da situação internacional que se chegue depressa ao fim».

O colonialismo tem os dias contados

Mas a intensificação da exploração e dos perigos de guerra em África aumentam ainda mais o descontentamento e a revolta dos povos africanos. As tentativas para reprimir a sua luta de nada serviram. Quando um povo, mesmo enfraquecido pelo longo jugo colonial, decide lutar pela sua libertação, arrasa todos os obstáculos levantados à sua frente. Basta recordar a epopeia do povo coreano. O colonialismo tem os seus dias contados. Nem os discursos de Salazar, nem os planos, nem as medidas de guerra, nem a intensificação da repressão e da exploração o poderão salvar.

CONTRA A VIDA CARA!

PELO AUMENTO DOS SALÁRIOS, JORNAS, ORDENADOS E VENCIMENTOS!

Mantém-se a grave situação dos preços altos e dos baixos salários, jornas, ordenados e vencimentos. Quem pode comprar carne a 20\$00 o 30\$00, cachucho a 10\$00, peixe espada a 12\$00, grelas a 4\$50, carções a 7\$00 e assim por diante?

Pois apesar de a situação ser esta, o ministro da Economia, a 14 de Maio, numa declaração à imprensa, afirmou que «as dificuldades verificadas, aliás recorrentes e transitórias, encontram-se ultrapassadas» e que «o que nos resta é «carne peixe fresco, legumes e mantega a situação não tem sido inteiramente satisfatória!» Quer dizer: tudo está bem, e mesmo as loucas subidas dos géneros mais indispensáveis pouca importância têm!

Pelo visto, o sr. ministro e o seu governo julgam que com discursos e declarações podem convencer o povo de que não passa fome, que os preços não subirão, que tudo caminha num mar de rosas! Se o povo português não conhece já o estorço dos homens que ocupam o governo, este discurso bastaria para o esclarecer.

O simples facto de o governo querer negar a carestia da vida, que está à vista de todos, mostra bem como é ele o verdadeiro responsável pela situação que o país atravessa. Para se livrar de responsabilidades, nego a realidade ou tira as culpas para cima dos pequenos comerciantes. Contra estes, que vendem cada vez menos e vivem esmagados pelos impostos, são lançadas as brigadas dos fiscais, enquanto os grandes lucros dos grêmios, juntas e federações fazem livremente toda a espécie de negociações rendosas que encarecem a vida.

Na declaração do ministro da Economia há, no entanto, duas afirmações que não

devemos esquecer: uma é que não subirão os preços do pão, do açúcar e do sabão; outra é que vai descer consideravelmente o preço do arroz. Exigimos que estas promessas sejam cumpridas e não faça o sr. ministro como fez com o azeite, garantindo em Dezembro que o mercado estava abastecido para em Março nos impingir a mistura com óleo. É preciso começar a responsabilizar o governo pelas suas afirmações e promessas feitas com fins demagógicos.

Perante a grave situação presente, as donas de casa têm-se movimentado activamente, em Lisboa e arredores, no Porto e outras localidades. Em Alpiarça, por exemplo, as donas de casa elaboraram uma exposição pedindo providências e já receberam 200 assinaturas. Apoiando a luta dos operários, camponeses e empregados seus familiares por aumento de salários, entregando as exposições às autoridades, nomeadamente aos deputados da sua circunscrição, arrancando deles o compromisso de reclamarem na Assembleia Nacional a baixa dos preços e a subida dos salários, jornas, ordenados e vencimentos, as donas de casa dão uma preciosa contribuição à luta por uma vida mais desfogada.

Frente à atitude do comêrcio salazarista que se mostra disposta a não tomar as medidas necessárias para resolver a situação, só um caminho se abre aos homens e mulheres das classes trabalhadoras e médias:

INTENSIFICAR EM TODO O PAÍS A LUTA CONTRA A CARESTIA!

INTENSIFICAR EM TODO O PAÍS A LUTA PELO AUMENTO DOS SALÁRIOS, JORNAS E ORDENADOS, DE ACORDO COM O CUSTO DA VIDA, E PELA REDUÇÃO DOS IMPOSTOS AOS PEQUENOS E MÉDIOS!

RÁDIO MOSCOVO

Transmite para Portugal

DAS 22 ÀS 23, 30 HORAS, EM ONDAS CURTAS DE 19 E 35 METROS E, DAS 23 ÀS 23, 30, EM 19, 25 E 31 METROS

OS ENGENHEIROS UNEM-SE EM DEFESA DOS SEUS DIREITOS

A classe dos engenheiros movimentou-se para alterar os Estatutos da sua Ordem e realizar eleições para o conselho directivo.

O governo, apoiando-se principalmente no presidente do actual conselho, Daniel Barbosa, antigo ministro da Economia (hoje instalado no conselho de administração da CUF e de outras grandes empresas) pretende tirar à assembleia o direito de alterar os estatutos e dá-lo ao ministro. Esta tentativa tem o objectivo de, nos novos estatutos, acabar com as assembleias onde os engenheiros têm discutido em conjunto os seus problemas. O governo proibiu também, 4 dias antes da data marcada, as eleições para um novo conselho directivo para as quais havia uma lista de unidade apoiada por grande parte dos engenheiros.

Os engenheiros, conscientes dos seus direitos, não se conformam com estes actos do governo. Em LISBOA, recolheram 260 assinaturas para a convocação de uma assembleia geral extraordinária onde o conselho directivo dê à classe conta da sua actividade e da marcha da situação. No PORTO, 100 engenheiros reuniram-se e votaram por unanimidade um protesto contra as imposições do governo.

O que se está a passar com os engenheiros reflecte bem a crise que atravessam hoje as profissões liberais e o descontentamento que entre elas alastra contra o salazarismo.

OS POVOS QUEREM O DESARMAMENTO

Observa-se na situação Internacional um progressivo desarmamento, graças à política de paz da União Soviética e do campo socialista, apoiada pelas crescentes forças da paz do mundo inteiro. A diminuição de 10 biliões de rublos no orçamento militar soviético para 1956 e principalmente a desmobilização das forças armadas da União Soviética e dos países do campo socialista, totalizando 2 milhões de homens, contribuíram decisivamente para o desarmamento internacional.

Estas medidas são acolhidas com alarme pelos círculos agressivos americanos, representantes dos grandes fabricantes de armamento, que vêem as suas fontes de receita ameaçadas. De facto a recente desmobilização soviética de um milhão e 200 mil homens provocou uma imediata baixa nas acções ligadas à produção de guerra. Por isso, estes círculos procuram esconder o alcance da desmobilização, tendo Foster Dulles chegado a afirmar: «Creio que aquilo que os soviéticos fizeram em nada altera o seu potencial militar».

Mas afirmações deste género só servem para desmascarar a má fé dos círculos agressivos. Todas as pessoas honestas vêem com os seus próprios olhos que a URSS, tomando estas medidas, não pode ter quaisquer intenções agressivas. Esta convicção vai-se alargando e enfraquece a base em que assenta a política de guerra das polícias ocidentais.

Sectores cada vez mais amplos exigem o desarmamento e a liquidação do Pacto do Atlântico. O semanário londrino conserva-

dor «Spectator» reconhece que os países europeus «já não desejam sacrificar os seus interesses à comunidade atlântica e procuram alargar a carga dos armamentos». Também Walter Lippmann, competente político americano afirma num artigo publicado no «Século» de 27-5 que em alguns países europeus «o serviço militar obrigatório é visto como encargo exaustivo e sem utilidade prática».

Este é o ambiente crescente dos países da Europa Ocidental. Os círculos agressivos dos Estados Unidos tentam lutar contra esta corrente atingindo a tensão para poderem continuar a extorquir aos povos milhões e milhões para material de guerra. A última reunião da NATO em Paris revelou as contradições crescentes que opõem os países europeus aos imperialistas americanos. Estes procuram rescender o foco de guerra na Coreia e obrigam os países do Pacto do Atlântico a fabulosas despesas militares. Estas tentativas vão contra os interesses dos povos da Europa e da Ásia e aumentam o isolamento dos Estados Unidos e as contradições entre os próprios países do Pacto do Atlântico.

Como os outros povos, o povo português amante da Paz, emagrecido pelos impostos e outros encargos da política de guerra do governo salazarista, deseja a consolidação da Paz e o desarmamento. Os portugueses esclarecidos e honestos observam os esforços da URSS pela Paz e sentem crescer o seu reconhecimento por ela. O povo português deve exigir cada vez mais energicamente que sejam reduzidas e liquidadas as ruinosas despesas de guerra. A situação internacional também não justifica a permanência de forças armadas americanas em território português. O arrendamento da base militar das Lagens aos americanos termina em Setembro. Por que a permanência dos americanos nas Lagens representa uma alienação da soberania nacional, o Partido Comunista apoia calorosamente todos os esforços dos patriotas portugueses para impedir a renovação desse arrendamento, contrário aos interesses da paz e da Nação.

ACCÇÕES SINDICAIS

Cresce o número de trabalhadores que acordam nos Sindicatos e ali lutam por uma vida melhor. São essas as provas das acções sindicais que em várias localidades da MARGEM SUL DO TEJO e do ALGARVE estão a ser desenvolvidas pela classe trabalhadora como reforço da sua acção nas empresas.

Também os operários se concentram nos Sindicatos, como fazem as operárias nos Sindicatos leixeienses e outros, para apresentarem as suas reivindicações.

Na assembleia geral do SINDICATO DE VIDA E OBRAS DO CENTRO DE PORTUGAL, onde se discutia o relatório e contas, vários ferroviários, apoiados por todos os outros, criticaram energeticamente o novo contrato colectivo. A assembleia aprovou uma moção pedindo uma amnistia para todos os ferroviários castigados.

Os operários da CARRILHA DE LISBOA movimentam-se activamente para que sejam realizadas eleições no seu Sindicato. Ela-ntaram uma exposição para a qual, num só dia, recolheram perto de 1.600 assinaturas. A Comissão geral entregou essa exposição ao ministro das Corporações, tendo os operários feito uma grande concentração à porta do ministério.

Numa importante empresa mineira, os mineiros reivindicam aumento de salário e elegeram uma ampla Comissão que se dirigiu à direcção do Sindicato para que este apoiasse as suas reivindicações. A direcção sindical concordou em apoiar a luta. Agora, 200 mineiros concentraram-se no Sindicato para resolver se deviam aceitar o aumento de salários proposto pelo gerência da mina. Os mineiros verificam que esse aumento é insuficiente, mas resolveram aceitá-lo e continuar a luta por outro aumento de acordo com o custo da vida.

Alargar mais e mais a acção nos Sindicatos, conjugar a actividade sindical com a luta nas empresas, atrair e mobilizar as direcções dos Sindicatos é o caminho seguido por muitos operários e que fortalece a unidade da classe operária e transforma os Sindicatos em verdadeiros organismos de defesa da classe operária.

É PRECISO MELHORAR RADICALMENTE A SITUAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO!

Continua a série de desastres em toda a rede ferroviária do país, causando mortos e feridos e avultadíssimos prejuízos materiais. O último, no Carregado, causou 2 mortos e 5 feridos. Uns acidentes são provocados pelo mau estado das linhas, como o da estação da Figueirinha (Algarve), da linha do Dão, de Alfaiões, de Caide (Regua), do Carregado; outros pelo mau estado do material circulante,

como o de Mirandela, onde um comboio ficou suspenso sobre o rio Tuga, e de Campolide, o do Entroncamento; outros pela falta de consolidação dos terrenos que ladeiam a via, como o de Aregos e Odemira. Nada disto é de admirar, pois muito do material fixo e rolante tem mais de meio século de uso.

Algumas linhas funcionam em condições inacreditáveis, como a do Algarve, do Douro e outras. Na Assembleia Nacional, a 25-1-56, o deputado José Sarmento denunciou os enormes perigos do tráfego na linha do Douro, onde qualquer engano corre o risco de ser precipitado de grande altura no rio. Na linha de Sintra, gijilizada diariamente por dezenas de milhares de pessoas, os acidentes e atrasos são constantes e a maior parte das carruagens não têm um mínimo de conforto e de segurança.

O mau estado de muitas estações e apeadeiros, a lentidão dos serviços, a falta de estações, os maus horários, as elevadas tarifas, tudo isto completa o quadro da desgraçada situação dos transportes ferroviários em Portugal.

Esta situação revela bem, por parte do governo e dos dirigentes da C.P., um completo desprezo pela vida e pelos interesses das populações. Este estado de coisas não pode continuar. É preciso que seja dada à C.P. uma administração competente e que uma parte do dinheiro gasto em despesas de guerra e o das fabulosas gratificações aos dirigentes da C.P. seja empregado em radicais medidas de segurança e na melhoria deste serviço público, assim como em aumentar os salários e ordenados dos ferroviários.

Em cada localidade, as populações devem discutir esta questão e formar comissões que exijam da C.P. medidas que resolvam os problemas dessas localidades no que respeita aos caminhos de ferro e que sejam tomadas imediatamente as medidas necessárias para dar segurança ao tráfego ferroviário.

SALVEMOS A VIDA DE FRANCISCO MIGUEL!

Francisco Miguel que, apesar de há muito ter acabado a pena, continua preso, encontra-se gravemente doente com uma doença de fígado e intestinos. A sua vida corre perigo.

A PIDE, cujo plano é assassinar os melhores filhos do povo português, nada faz para o tratar, recusa a Francisco Miguel o direito de ser observado por um médico da sua confiança, negando-lhe até a dieta que é absolutamente indispensável para o tratamento da sua grave doença.

A PIDE aproveita todos os pretextos para isolar Francisco Miguel dos seus familiares e amigos, não o deixando receber visitas e, ainda recentemente, lhe cortou a correspondência e o proibiu de receber encomendas.

Se o povo português não o arrancar das garras da PIDE, Francisco Miguel será assassinado pelos mesmos carrascos que pelo mesmo processo já assassinaram Milhão Ribeiro e outros patriotas.

Conhecendo a grave situação em que se encontra Francisco Miguel, numerosas pessoas de coração de todos os pontos do País têm enviado protestos e abaixo assinados às autoridades salazaristas, exigindo a sua libertação.

Unidade anti-salazarista

(continuado de 1.ª pág.)

tante para uma mudança de regime. O aproveitamento pleno de todas as possibilidades legais de actuação que as eleições oferecem às forças democráticas e anti-salazaristas é indispensável para mobilizar e organizar as massas populares na luta contra o regime salazarista.

É DENTRO DESTES OBJECTIVOS PATRIÓTICOS QUE O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS PROPÕE AOS OUTROS PARTIDOS DEMOCRÁTICOS A ELABORAÇÃO IMEDIATA DE UM PACTO DE UNIDADE ENTRE TODOS OS PARTIDOS EM TORNO DE UM PROGRAMA MÍNIMO, TENDO EM VISTA AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES PARA DEPUTADOS.

Por uma larga e poderosa frente anti-salazarista!

A experiência de 30 anos de dominação salazarista e a experiência dos outros países que já se libertaram do fascismo dizem-nos que é necessário, para vencer um regime de violência como o salazarismo, não somente unificar todas as forças democráticas como também todos os opositoristas ao regime e ao governo, isto dentro do mais largo espírito de unidade, sem amarrar os homens ao seu passado político, pois o que conta não é o que eles fizeram mas sim aquilo que o poderão fazer neste momento na luta comum contra o regime salazarista. **DECLARAMOS QUE EM RELAÇÃO**

ÀQUELAS PESSOAS DA OPOSIÇÃO COM AS QUAIS NÓS, COMUNISTAS, TEMOS REPETIDAMENTE MANIFESTADO DISCORDÂNCIAS DE PRINCÍPIOS, NÃO PODE Haver neste momento RAZÃO ALGUMA QUE IMPEÇA UMA UNIDADE DE ACCÃO ANTI-SALAZARISTA, TENDO EM VISTA O PRÓXIMO ACTO ELEITORAL.

Para que a Unidade que o Partido Comunista defende seja de facto um vasto movimento de massas descontentes, para que possamos mobilizar todas as pessoas que sinceramente desejam neste momento colaborar com as forças democráticas num movimento de oposição ao regime sob a forma da apresentação de deputados de oposição às próximas eleições para a Assembleia Nacional, importa que saibamos esquecer o passado político dessas pessoas, que ele não possa ser um obstáculo à sua colaboração. Aqueles portugueses que apoiam o regime de Salazar, que aderiram à União Nacional ou à Legião Portuguesa ou os patriotas que servem nas forças armadas mas que hoje se encontram em oposição à governação do Salazar podem e devem ter lugar na frente anti-salazarista, deverão ser bem recebidos dentro desta. **SABEMOS TODOS QUE DENTRO DA UNIÃO NACIONAL E DA LEGIÃO PORTUGUESA ESTÃO AINDA PORTUGUESES HONRADOS QUE AL SE ENCONTRAM NESTE MOMENTO CONTRA SUA VONTADE E QUE COLABORARÃO COM AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS NUMA LUTA LEGAL DE OPOSIÇÃO AO GOVERNO DE SALAZAR.**

Só um vasto movimento de unidade de todas as forças democráticas e anti-salazaristas terá forças bastantes para vencer as manobras do governo salazarista e lhe poder impor uma mudança de regime. Como se afirma no «Declaração Conjunta» dos Partidos Comunistas de Portugal e de Espanha: «Que esta aspiração se converta numa realidade não depende só dos comunistas, da classe operária e das massas populares. Depende também da actividade de certos núcleos da burguesia que em certa altura julgaram os seus interesses defendidos por Franco e Salazar e que neste momento se dão conta do verdadeiro papel destes como agentes no governo de um punhado de monopolistas e do capital estrangeiro. O caminho que conduz à democracia e à independência nacional será mais fácil, menos doloroso se estes núcleos da burguesia unirem os seus esforços aos das massas populares e lutarem também por uma mudança de regime. Se se realizarem em ambos os países, amplas frentes nacionais contra as camadas dominantes.»

Frente à política de divisão nacional e de guerra civil do governo salazarista, a política do Partido Comunista Português é de união de todos os portugueses honrados para salvar Portugal, para fazer de Portugal um país democrático e pacífico.

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

Fevereiro de 1956	petite (M)	20 00	do Partido	60 00	Idem (Z)	2 50	Camarada Esteves (H)	20 00	É a luta que decide	22 00
	Mancos	15 50	Staline (A)	12 50	Amigo do Povo	10 00	Campino (A)	7 50	E contra a FIDE	10 00
Alberto (E)	Mao Tsé Tung	115 00	Staline (I)	7 50	Amigos do P.	10 00	Compones lutador	950 00	Empregado	2 50
Alc. de Sousa	(E)	40 00	Tiago Vermelho	20 00	Amigos do P.	10 00	Vermelho	5 00	Idem	3 50
Idem	Marinha Ver.	40 00	Vitoriano (C)	20 00	Amigos do P.	30 00	Idem	5 00	Esperança no futuro	196 00
Arquitecto Vermelho	Militão Ribeiro	50 00	Soares	50 00	Amizade entre os povos	28 00	Camponesses vermelhas	12 50	Exército de libertação de Marrocos	10 00
Campones colectivista	Os Cerâmicos	100 00	o Partido Xangai Verme	52 00	Idem	39 00	Catarina Eufémia	50 00	Filho da Paz	100 00
Carlos Costa	Pão, Paz e Cultura (C)	40 00	XX Cong. (AA)	225 00	Amnistia	92 20	Idem	500 00	Firmeza na luta	2 50
Comuna Bento Gonçalves	Pela liberdade de Alv. Cunhal	200 00	Março de 1956		Apelo da pátria	100 00	Contra a Repressão	400 00	Direitos humanos	79 00
Duclos	Março de 1956		Abílio	25 50	As cprárias		Democrata (V)	300 00		
Elsa Triplet	Pela Vitória do XX Cong.	10 00	África Verm.	5 000 00	Lutem (T)	40 00				
FIDE	PC da URSS	5 00	Alberto (E)	15 00	Aumento de Salários	5 00				
Georgette Ferreira	Pleick	150 00	Alex	400 00	Aumentos de Salários	5 00				
Glória a Alvaro Cunhal (FV)	Por uma ampla Amnistia	20 00	Alfredo Lima	8 50	Avante!	10 00				
Guilherme da Costa	Povo da Mari-nha Grande	177 00	Alcino de Sousa (A)	20 00	« C. Civil	2 50				
Carvalho	Queremos a Pro-amnistia-V	187 00	Idem (C)	20 00	« na Luta	1 50				
Homenagem a Caraca	Queremos a Pro-amnistia-V	187 00	Alentejo Livre	5 00	« Operários da Construção Naval	245 00				
Jorge Amado	Alvaro Cunhal (J.J.A)	200 00	Alvaro Cunhal	2 50	A Vitória é nossa	72 00				
Jovem Pioneiro	G. Vidinat	37 50	A. Vidinat	100 00	B. Caraca (2)	18 00				
Kenya	Rogério Carvalho	1 000 00	« de Staline	86 50	B. Gonçalves	200 00				
Libertemos Geor-	Rui L. Gomes	1 000 00	Amigo da Liberdade	5 00	(A)					
	Simpatizantes									

Not: Publicamos as rubricas referente a Dezembro 1955

Homenagem a Alvaro Cunhal (FR) 100 00

Idem (FR) 500 00 Idem (FR) 500 00

Idem (FR) 50 00 Idem (FR) 50 00

Idem (RG) 100 00 Total 1 530 00